

PUBLICAÇÕES EDIPUCRS

- BAGBY JÚNIOR, Alberto. **Machado de Assis e seus Primeiros Romances**. 1993, 136p.
- CARVALHO, Carlos. **Poesia e Prosa**. Em co-edição IEL 1994, 179p.

Os pedidos deverão ser encaminhados à:

EDIPUCRS
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 33
Caixa Postal 1429
90619-900 PORTO ALEGRE - RS
BRASIL
FONE/FAX: (051) 339-1511 Ramal: 3323

A OFICIALIZAÇÃO DO CÂNONE LITERÁRIO NO ANO *BIOGRÁFICO BRASILEIRO* (1876-1880), de Joaquim Manuel de Macedo

TANIA SERRA
UnB

Em setembro de 1995, apresentei uma comunicação no Seminário Internacional de História da Literatura, na PUC/RS, intitulada "*O Ano Biográfico Brasileiro* (1876), de Joaquim Manuel de Macedo, como uma leitura da História da Literatura". O objetivo deste trabalho é, em primeiro lugar, dar continuação e concluir o estudo anterior, limitado ao primeiro dos três volumes e um suplemento do *Ano Biográfico*, que tem um total de quase duas mil páginas.

Em segundo lugar, esta comunicação propôs-se a fazer o levantamento de todos os literatos inseridos no *Ano* e dele extrair uma conclusão crítica, ou seja, verificar qual era o ideal estético naquele momento de estertores do Romantismo brasileiro, a fim de poder dele inferir nosso cânone literário oficial, uma vez que Macedo havia-se tornado uma espécie de porta-voz da monarquia brasileira, conforme já havia anteriormente dito no trabalho *Joaquim Manuel de Macedo ou os Dois Macedos*.

A fim de dar prosseguimento a este estudo, no entanto, é necessário fazer uma breve síntese daquela comunicação, basicamente dela extraindo as idéias principais, já que serão importantes para a compreensão deste trabalho.

Uma dessas idéias propostas é a de que, tendo-se verificado haver um vácuo cultural após a Independência do Brasil, a elite jovem determinou-se a preenchê-lo, para isto traçando um projeto e um plano de trabalho culturais. Na década de 1870 a 1880 – de transição do Romantismo para o Realismo –, quando o *Ano Biográfico* foi publicado, esse processo estava encerrado. Assim, um dos aspectos mais importantes da organização da cena cultural brasileira é o de que ela foi empreendida a partir de um projeto nacionalista, explicitado pela primeira vez em Paris, por Domingos José Gonçalves de Magalhães, no "Ensaio sobre a Literatura do

Brasil", e que deixará marcas profundas sobre as obras "inventariantes" do período imediatamente posterior.

Outro tema fundamental daquela comunicação, e que vem complementar essa idéia, é o de que se, logo após a Independência, o país defrontara-se com um vácuo cultural, em 1876 percebe-se que este já havia sido preenchido por um conjunto articulado de intelectuais, políticos e artistas. Uma *intelligentzia* brasileira havia-se formado, após haver deliberadamente implementado, a partir de dados levantados em estudos setoriais, o projeto cultural para o qual Gonçalves de Magalhães havia dado o embasamento ideológico.

Nesse sentido, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, fundado em 1838, teve um papel capital. Foi no âmbito dessa casa que diversos estudiosos de Etnografia, História e Geografia vão publicar estudos sobre as pesquisas efetivadas em suas respectivas áreas, com o total apoio, após 1840, do Imperador, D. Pedro II.

É nesse momento que a idéia de código cultural e, sobretudo, de cânone, vai surgir e intelectuais como o Cônego Januário da Cunha Barbosa vão publicar antologias, bosquejos, anos biográficos. Wilson Martins lembra que "a idéia de código, isto é, de um cânone ordenado e sistemático, fazia o seu caminho em (...) setores da vida nacional" (Vol. II, p. 175).

Em 1876, já se pode falar de uma sistematização da cultura brasileira. Nesse contexto e do ponto de vista de uma função normativa que o *Ano* poderia ter, penso que se poderia dele inferir uma taxionomia da *intelligentzia* brasileira, pois, a rigor, essa obra é uma espécie de síntese da história dessa inteligência, nos moldes que Wilson Martins vai adotar na sua *História da Inteligência Brasileira*, publicada exatamente cento e um anos após a de Macedo.

Passou-se, portanto, na década de 1870 a 1880, de um período de formação para um de consolidação do *corpus* literário. Mostrar quem faz parte deste grupo e quais os critérios para sua escolha são os objetivos deste trabalho.

Em primeiro lugar, devemos responder à questão: o que foi o *Ano Biográfico Brasileiro*? Desde 1875, Macedo vinha trabalhando na obra encomendada para a Exposição Internacional da Filadélfia (comemoração do centenário da Independência dos Estados Unidos da América), que publica em três volumes em 1876. Galante de Sousa, em estudo dedicado a Macedo no livro *Machado de Assis e Outros Estudos*, diz que "é obra bastante imperfeita, e o próprio autor o reconheceu, pela pressa com que teve de ser elaborada". Revela, também, que Macedo, em carta de 19 de junho de 1876, disse ter trabalhado tanto entre abril de 1875 e março de 1876, "a ponto de ficar um mês de cama, donde saiu tão desfigurado que os próprios amigos não o reconheciam. (...) Além disso, o destino irônico lhe reservou a mesma doença que o Augusto d'A Moreninha diagnosticou, por

vingança em D. Violante" (p. 142-143). Só para nos refrescar a memória, essa doença eram as hemorroidas.

Aqueles três volumes tiveram versão inglesa destinada ao público que ocorria à Exposição. Mas saíram cheios de erros, devido à pressa com a qual o autor teve de executar o trabalho. Galante de Sousa também menciona, por exemplo, a falta da biografia de Evaristo da Veiga, o que obrigou o autor a vir a público justificar-se nos periódicos da corte. Aparentemente a verdade foi revelada em carta que escreveu ao amigo Lopes Neto, no dia 29 de setembro de 1876, onde explica que, havendo emprestado os originais ao Visconde de Inhomirim, "o Visconde esqueceu-se de devolvê-los (e o autor de cobrá-los). Por isso só no *Suplemento* vem aquela biografia que deve ser a mesma que Macedo leu parte na sessão do Instituto Histórico em 24 de novembro de 1876" (p. 175).

Esse tipo de trabalho era bastante popular entre os membros do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, como já foi mencionado quando falei do Cônego Januário da Cunha Barbosa. O *Plutarco Brasileiro*, de Pereira da Silva é um outro exemplo dessa literatura. Em verdade, ela faz parte de um processo de "inventário" do país, iniciado com os padres, durante o período colonial, e propositadamente continuado após a Independência, no Romantismo.

Apesar de sua importância no contexto histórico-literário, Inocêncio, ao referir-se àquela obra, menciona "graves inexatidões em fatos e datas" e apresenta três páginas e meia de erratas (Vol. XII, p. 100-105 e 386-390). Já Sacramento Blake desculpa-lhe a quantidade de erros, ressaltando que foram "impressos com prazo fixo na mesma oficina seis grossos volumes!" (Vol. IV, p. 189), e solidariza-se com Macedo.

Assim, seguindo a tradição de ordenação da História e da cultura do país, o *Ano Biográfico Brasileiro* traz a exposição de nomes importantes da história da inteligência brasileira, um nome para cada um dos trezentos e sessenta e cinco dias do ano. Nos três volumes publicados em 1876, foram levantados cento e um literatos. No *Suplemento*, dos cem nomes listados, dezesseis têm obras publicadas ou em manuscrito. O critério da escolha foi o de ter sido registrado por Macedo algum tipo de obra escrita, publicada ou não, fosse ela de literatura, gramática, etnografia, história, corografia, teatro, artigo de jornal, etc. A lista final – dividida em duas partes: período colonial e pós-Independência – com os cento e dezessete nomes foi distribuída antes do começo desta comunicação e, a rigor, é *la pièce de résistance* deste trabalho, já que foi a partir dos dados coletados durante a pesquisa e após a análise desses nomes que pude tecer algumas observações, que passo agora a relatar, apesar de os percentuais apresentados terem tido seus valores aproximados.

A primeira observação feita é a de que apenas 28% dos literatos listados pertence ao contexto histórico do Romantismo brasileiro – vou ado-

tar o ano de 1836 como início oficial do movimento. Se incluirmos o *Suplemento*, esse número pula para 38%. Evidencia-se, claramente, a escolha do autor por um projeto mais amplo de descrição e fixação dos quadros formadores da História brasileira e não o panegírico dos contemporâneos.

É evidente que houve problemas e Macedo foi muito criticado pelas "omissões" de alguns nomes. Em consequência disto, ele volta em 1880 com o *Suplemento*, que visaria a cobrir aquelas falhas. Assim, onze dos dezesseis escritores que ali aparecem pertencem ao Romantismo. Esse *Suplemento* também foi planejado para sair em mais de um tomo, já que na folha de rosto vemos registrado: Volume I. Por outro lado, ele apresenta os nomes em ordem alfabética, pois os trezentos e sessenta e cinco dias do ano já haviam sido preenchidos em 1876. No entanto, o que se tem, de fato, é apenas esse Volume I, que se interrompe na letra *i*. Se sabemos que, a partir de 1880, o autor não mais participa das sessões na Câmara dos Deputados, nem lê os relatórios anuais do Instituto Histórico e Geográfico, morrendo louco em 1882, seria de se prever que o número de literatos do Romantismo teria sido maior, caso ele tivesse conseguido chegar ao fim de seu trabalho. No entanto, não me parece verossímil, devido ao caráter do autor, que ele fosse inverter totalmente o quadro das prioridades historicistas estabelecido em 76.

O objetivo de "suprir" a sociedade fluminense com um bom número de personalidades contemporâneas, portanto, não era o objetivo inicial do autor. É bastante óbvio, para quem lê os três volumes do *Ano Biográfico* de 76, que o que Macedo estava tentando fazer era: 1º- definir uma História brasileira, a partir de seus principais vultos e, 2º- estabelecer um paradigma para a cultura brasileira; a literatura entra ali como um subsidiário desta cultura.

Evidentemente, uma obra escrita em 1876 para representar o Brasil no exterior e que nomeia poucos representantes da sociedade da época deve ter mesmo causado escândalo. Some-se isto à situação de penúria financeira que se abate sobre o autor, justamente a partir desse ano, e ficará bastante compreensível a utilidade "diplomática" de um suplemento.

Vários dados interessantes aparecem após a leitura das quase duas mil páginas. Um deles é a grande diferença entre a quantidade de mulheres que aparecem na edição de 76 e na de 80 – quinze em trezentos e sessenta e cinco na primeira e apenas três em cem na última. Nenhuma é literata, com exceção, já contemporânea ao autor, de Dona Violante Ataliba Ximenes de Bivar, que publica o primeiro periódico escrito por mulheres no Brasil, o *Jornal das Senhoras*. A tendência ao brando feminismo que permeia nosso Romantismo fez, assim, com que Macedo concedesse espaço para quase 5% de mulheres no primeiro livro. Já a urgência em nomear seus contemporâneos limita o espaço dedicado à cota feminina no *Suplemento* (3%).

O extremo oposto do caso feminino foi a presença maciça do clero na edificação da *intelligentia* brasileira, sobretudo no período colonial. 40% das obras escritas nesse período o são por padres das mais diversas ordens, ou mesmo seculares. É curioso observar que grande parte dessa produção, naturalmente, é sacra, mas outra grande parte é utilizada para a descrição histórico-geográfico-política do país. São obras de levantamento e fixação dos recursos naturais da colônia.

No período do Romantismo esse quadro inverte-se, dando lugar a uma maioria de autores com formação em Direito: 40% de todos os incluídos. Tem-se, portanto, o seguinte quadro de profissões na formação da literatura e do cânone brasileiros:

Padres:	Período colonial:	40%
	Período romântico:	10%
Direito:	Período colonial:	10%
	Período romântico:	40%.

Os bacharéis em Direito, portanto, seguidos de perto por seus colegas de Medicina (25%), constituem a maioria formadora da elite brasileira no período pós-Independência. A carreira militar também sofre uma inversão nos quadros. Durante o período colonial eles são responsáveis por 16% dos literatos listados, enquanto no período posterior este número cai para 9%.

Prosseguindo a análise dos dados encontrados após o levantamento efetuado, percebe-se um outro fato interessante: 30% das obras listadas no período do Romantismo faz parte do gênero poesia – épica ou lírica –, seguido de perto pelos escritos histórico-etnográfico-geográficos e os políticos, com 27%. Em seguida vêm a prosa de ficção e o articulismo jornalístico, com 15% respectivamente. Por fim, os gramáticos, que abarcam 10% dessa produção. Dava *status*, pelo visto, escrever versos, independentemente da carreira escolhida. No entanto, vê-se o autor vir veementemente em defesa dos artistas, o que sugere a interpretação do ser poeta como sinônimo de rebeldia e de marginalidade.

Fazendo um recorte dos trabalhos estritamente literários, verifica-se que dos seis romancistas levantados, a saber: Teixeira e Sousa, Manuel Antônio de Almeida, Francisco Pinheiro Guimarães, Constantino José Gomes de Sousa, Gentil Homem de Almeida Braga e Lourenço da Silva Araújo Amazonas, quatro são incluídos apenas quando da publicação do *Suplemento*. Já no caso da poesia, tem-se o quadro exatamente inverso: dos doze poetas registrados, a saber, Paulo José de Melo Azevedo e Brito, João Duarte Lisboa Serra, Gonçalves Dias, Trajano Galvão de Carvalho, Álvares de Azevedo, Dutra e Melo, Casimiro de Abreu, Fagundes Varela, Castro Alves, Domingos Borges de Barros, Luís José Junqueira Freire, Antônio Joaquim Franco de Sá, apenas Castro Alves é nomeado em 80,

embora já estivesse morto há cinco anos quando da primeira publicação do *Ano Biográfico*. Poder-se-ia dizer, portanto, que o cânone literário nesse momento é a poesia – e poesia ultra-romântica.

Uma pergunta não pôde deixar de ser imediatamente feita após o levantamento desses nomes: onde estão Domingos José Gonçalves de Magalhães e José de Alencar? Parece-me que não houve aqui um erro como o que teria acontecido com Evaristo da Veiga. Domingos José Gonçalves de Magalhães, por exemplo, poderia ainda entrar no *Suplemento*, já que seu nome começa com D e ali temos uma lista que vai até a letra I. O mais estarrecedor é que Magalhães, que morre apenas em 1882, também era membro do Instituto Histórico e Geográfico, instituição de onde vêm grande parte das personalidades escolhidas. Só posso pensar em alguma rivalidade, ou mesmo inimizade entre os dois, já que seria totalmente descabido excluir o "fundador" do Romantismo brasileiro de uma obra que se quer normatizadora da cultura pátria.

O caso de Alencar parece-me até mais grave, já que o pai deste, José Martiniano de Alencar, foi incluído ainda em 1876. O problema aí deve mesmo ter sido rivalidade, aliás não só literária, já que os dois polemizaram pelos jornais em 1869, sendo Alencar Ministro da Justiça pelo Partido Conservador, escrevendo no *Diário do Rio de Janeiro*, e Macedo liberal "deposto" pelo golpe branco de 1868, escrevendo pelo *A Reforma*. Este episódio faz-me lembrar de outro caso de "ato falho" profissional, ou seja, o de Sílvio Romero ao publicar em 1888 a *História da Literatura Brasileira*, em que, praticamente, exclui o Romantismo...

No que diz respeito aos "jovens lobos" romancistas, para usar a terminologia de Wilson Martins, da geração de transição do Romantismo para o Realismo, nenhum aparece no *Ano Biográfico* Brasileiro, nem em seu *Suplemento*. Seus nomes e obras estão sumariamente listados no terceiro xerox distribuído, juntamente com os dos românticos tardios – Alencar e Macedo incluídos. O mesmo dá-se na poesia, sendo Castro Alves (1847-1871) uma honrosa exceção do volume de 1880. A rigor, no que diz respeito à literatura, o critério utilizado foi, de um modo geral, o de pular para trás pelo menos uma geração, o que nos leva, portanto, até a II Geração Romântica e ao ultra-Romantismo.

Para finalizar a exposição e interpretação dos dados levantados, falta apenas mencionar a forte dose de subjetividade com a qual o autor comenta a vida das personalidades por ele escolhidas. Com isto não estou esquecendo que o parâmetro crítico durante aquela escola de época é exatamente esse. Quero apenas dizer que a situação financeira de pobreza em que se encontra Macedo seria responsável por inúmeros comentários ácidos sobre a situação de penúria dos escritores brasileiros, causada, segundo ele, por uma sociedade ingrata que não preza nem cuida de seus escritores como deveria.

Um exemplo curioso desse "olhar dirigido" é o que recebe o romancista Constantino José Gomes de Sousa. Vejamos o que dele diz Macedo:

Fez todos os seus estudos na cidade do Rio de Janeiro, onde tomou o grau de Doutor na Escola de Medicina, tendo nela merecido reputação de estudante distinto. Além de séria aplicação às matérias do curso da medicina, cultivou com amor e proveito a literatura.

Exercendo por alguns anos a profissão para a qual se formara, ganhou créditos de médico hábil e esclarecido, e começou a fazer fortuna; mas no fim de algum tempo foi aos poucos perdendo a clínica, embora não perdesse a reputação que nela adquirira.

Mudou sua residência para a Corte, logo depois para Niterói e enfim outra vez para a Corte.

Embalde suas notáveis habilitações profissionais e seu tino médico, o Dr. Constantino de Sousa, onde quer que se estabelecia, a princípio era muito procurado, e em seguida progressivamente esquecido na clínica.

Homem honesto, digno de ser no meio das famílias recebido, prático estimado, coração compassivo, bom, caridoso, o Dr. Constantino não experimentava a infelicidade por ação alguma, ou por motivo que o nodasse no exercício da medicina.

Nesses anos de infortúnio ele escreveu: *O Desengano*, romance em um volume, e *Filha sem Mãe*, romance que ficou incompleto por ter publicado só o primeiro volume.

Tinha caído na pobreza: as letras não lhe deram pão: não o dão a literato algum no Brasil: além disso o Dr. Constantino foi pouco fértil, podendo sê-lo muito.

Seus últimos meses de vida passaram-se em privações e em tormentos até que descansou morrendo na cidade do Rio de Janeiro, em 1875.

A desgraça do Dr. Constantino de Sousa teve causa que não foi desconhecida, e que talvez devesse ser olvidada, se não fosse triste, mas importante lição.

Médico ilustrado e clínico hábil e feliz, literato que pudera ter tomado lugar de honra entre os escritores do seu tempo, cavalheiro generoso, e de qualidades muito estimáveis, o Dr. Constantino de Sousa infelizmente *jogava*.

Dominado demasiadamente pela paixão do jogo; mas jogando *liso*, e sempre incapaz dos recursos abusivos dos jogadores trapaceiros, ele tinha de ser o que foi, a vítima do jogo, e dos jogadores trapaceiros.

Essa paixão fatal que tem levado à desonra e ao crime tantos infelizes, não pôde arrastar o Dr. Constantino de Sousa para esses abismos oprobriosos; mas arrastou-o para a extrema pobreza.

Por fim, uma das conclusões críticas que se poderia inferir a partir dos dados antes expostos é a de que o ideal estético naquele momento de estertores do Romantismo é o do ultra-Romantismo, como já havia sido mencionado antes. Em verdade, se, como pensa Harold Bloom em *O Cânone Ocidental*, são necessárias umas duas gerações após sua morte para

que um autor possa ser designado como cânone, e se, ainda segundo o mesmo autor, "a ideologia desempenha um papel considerável na formação de um cânone literário" (p. 500), a última geração canônica que poderia estar referida naquela obra era mesmo a das primeiras gerações românticas, não só pela periodização histórico-literária, mas também por ser representativa da "ideologia de cultura" que se apossou da inteligência brasileira após a Independência.

Uma outra conclusão é a de que o *Ano Biográfico Brasileiro*, além de uma leitura da História da Literatura Brasileira, poderia ser compreendido como a definição oficial do conjunto das personalidades históricas brasileiras, literárias inclusive, feita sob encomenda para representar o Império moribundo no exterior com uma – falsa – imagem de uniformidade. Um corolário dessa conclusão seria a oficialização do cânone literário, inferido a partir da escolha daquelas personalidades listadas, juntamente com suas obras.

Uma última conclusão deriva da observação das nacionalidades dos listados. No trabalho "*O Ano Biográfico Brasileiro como uma leitura da História da Literatura*", digo que a inclusão ali de franceses e portugueses sugere a existência de uma cultura multi-racial. Esta raça nova que surge em nossas terras seria, por sua variedade, "naturalmente" mais forte – vide o "Ensaio" de Magalhães –, mais sensível, mais capaz, etc. Essa idéia de poder, inerente à sociedade brasileira formada daquela forma, estará por trás do discurso ideológico subjacente à idéia do V Império, com o qual sonhávamos-nos tornar. Na obra intitulada *Noções de Corografia do Brasil*, Joaquim Manuel de Macedo será explícito quanto a esses "mitos" da grandeza do país, tema ao qual retornarei em breve.

Enfim, Macedo morre louco antes de conseguir terminar sua obra normativa, deixando uma grande pergunta para ser respondida: quem teriam sido os outros escolhidos, de J a Z? Talvez a resposta tenha chegado pela negativa realista-naturalista oito anos após a publicação do *Suplemento*, com a *História da Literatura Brasileira*, de Sílvio Romero. Mas: os excluídos deste seriam os que faltaram naquele? A questão continua aberta.

Bibliografia

- AMORA, Antônio Soares. *O Romantismo*. São Paulo: Cultrix, 1977.
BLAKE, Sacramento. *Dicionário Bibliográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro: Tip. Nacional, 1888-1902. Vol. IV.
BLOOM, Harold. *O Cânone Ocidental*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.
MACEDO, Joaquim Manuel de. *Ano Biográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro: Tipografia e Litografia do Imperial Instituto Artístico, 1876. 3 vol.
———. *Suplemento ao Ano Biográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro: Tipografia Perseverança, 1880.

MARTINS, Wilson. *História da Inteligência Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1977. Vol. III.

SERRA, Tania Rebelo Costa. *Joaquim Manuel de Macedo ou os Dois Macedos. A Lu-neta Mágica do II Reinado*. Rio de Janeiro: Dep. Nac. do Livro/Fund B. Nacional, 1994.

———. "O *Ano Biográfico Brasileiro* (1876), de Joaquim Manuel de Macedo, como uma Leitura da História da Literatura". Porto Alegre: *Cadernos do Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS*. v. 1, n. 2, junho de 1995.

SILVA, Inocêncio. *Dicionário Bibliográfico Português*. Lisboa: 1884. Vol. XII.

SOUSA, Galante de. *Introdução ao Estudo da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: INL/MEC, 1963.